PREFEITURA DE SÃO PAULO

ATA DA 13ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO GESTOR DO REFÚGIO DE VIDA SILVESTRE ANHANGUERA

Dia 30 de Agosto de 2026, domingo, das 10h às 12h

Sede do Refúgio de Vida Silvestre Anhanguera – Avenida Fortunata Natucci s/nº portão 4 (antiga Estrada de Perus, 168) - Perus, São Paulo – SP

Conselheiro(a)s Presentes RVS:

Sociedade Civil	
Nome do frequentador(A)	**Titular/ Suplente**
Dsordes Benedito Marcondes	Titular
Daiana Faustino Moura	Titular
Sirlei Bertolini Soares	Suplente
Felipe de Oliveira Lima	Suplente
Anderson Vieira dos Santos	Suplente
Entidade/Coletivo - Representante	
Poder Público	
Instituto Embu de Sustentabilidade – Grazielle Oliveira	Suplente
Secretaria do Verde e Meio Ambiente – SVMA – DGUC - Maíra Soares Galvanese	

Secretaria do Verde e Meio Ambiente – SVMA – SGUC – Marcelo Freire Mendonça	Suplente
SVMA – DGPU – Valter José de Lima	Titular
Demais ouvintes	
Larissa Scavassa Dariolli	Estagiária / SVMA

CREDENCIAMENTO DOS PARTICIPANTES:

A lista de presença e o registro fotográfico dessa reunião encontram-se anexados a este documento, nos Anexos I e II, conforme orientado pela Portaria Municipal nº 049/SVMA.G-AJ/2020.

1. PAUTAS DO DIA:

1.1. Abertura da reunião e informes gerais;
1.2. Aprovação da ATA da 12ª Reunião Ordinária do Conselho Gestor;
1.3. Relato sobre a caminhada ecológica, organizada pelo coletivo Ocategóricos, com jovens do CCA Britânia e propostas futuras;
1.4. Informações sobre manutenção e manejo de aceiros/prevenção de incêndios;
1.5. Encaminhamentos.

1.1. Abertura da reunião e informes gerais

A reunião é iniciada por Maíra Galvanese, e Marcelo Mendonça, gestores, responsáveis da SVMA pelo Conselho Gestor do Refúgio de Vida Silvestre. Dão boas-vindas aos presentes e agradece a participação de todos.

Maíra Galvanese inicia comentando sobre as reuniões bimestrais do RVS serem muito espaçadas e favorecer para a desmobilização do conselho. Poderia ser mensalmente e intercalada, um mês híbrida e um mês presencial, para manter o conselho mais ativo.

A conselheira Sirlei Bertolini concorda que dois meses é muito tempo, e comenta sobre a questão do incinerador que foi uma pauta complicada para o RVS, e acrescenta sobre a audiência pública, a maioria da comunidade não ser a favor. E comenta que na reunião anterior, o assunto sobre o incinerador não foi dado nenhuma atualização, a população foi atrás da defensoria pública e mobilizou os poderes possíveis. Maíra Galvanese explica que entre as reuniões do conselho e a audiência pública é pouco tempo, porque na audiência pública já precisa ter a manifestação do conselho, sendo parte do processo do licenciamento. E recomenda aos conselheiros solicitarem formalmente atualizações sobre o processo, para prestação das informações.

Maíra Galvanese informa sobre o recebimento do EIA/RIMA - oleoduto Petrobrás, que pretende interceptar (13) treze municípios, e será feito analisada se ocorre sobreposição do traçado proposto com a zona de amortecimento do Refúgio.

1.2. Relato sobre a caminhada ecológica, organizada pelo coletivo Ocategóricos, com jovens do CCA Britânia e propostas futuras

Maíra Galvanese dá início a primeira pauta agendada. O conselheiro Anderson Vieira se apresenta e comenta da sua articulação com o Coletivo Categóricos desde 2013, e esse coletivo faz atuação no Bairro do Morro Doce, com pautas voltadas para a literatura e para o teatro. O conselheiro trabalhou com o PAVS (Programa Ambientes Verdes e Saudáveis), ajudou a unir as propostas no coletivo de algumas práticas de sustentabilidade com as funções do PAVS. Maíra Galvanese acrescenta que seria interessante convidar o PAVS para apresentar o diagnóstico socioambiental em uma reunião do conselho, porque eles fazem o diagnóstico do território.

Anderson Vieira apresenta que ano passado foi criada a proposta "Sociedade, território e impacto ambiental", que trabalha as questões de pertencimento das pessoas do território Morro Doce, Perus e Jaraguá. Continua apresentando que trabalharam com três Centros para Crianças e Adolescentes (CCAs), o Britânia, o Semeando Vidas e o Anhanguera. Trabalharam com aulas teóricas os conceitos de unidade de conservação e os impactos das políticas públicas. O projeto também conta com oficinas teóricas para entender como funciona o corredor ecológico. Explica ainda que os alunos são engajados e tem interesse em conhecer o Parque e o Refúgio, e conseguiu articular para trazê-los. O projeto beneficiou 60 alunos, mas conseguiram levar 15, da faixa etária entre os 10 aos 15 anos. A trilha foi feita da sede até a ferrovia, e como o CCA é da Secretaria de Desenvolvimento, foi possível os alunos irem para o RVS com transporte disponibilizado.

Valter Lima comenta da importância de estreitar relações com as pessoas da ferrovia. Porque houve problemas, como uma invasão mês passado pela área da ferrovia causando danos a torre de monitoramento. Complementa que na semana passada houve a entrada de dois caçadores

com dois cachorros de caça, e o vigilante tentou alcançar essas pessoas, mas não deu resultado. Foi feita uma força-tarefa para tentar encontrá-los, foi chamado a GCM, foi vasculhado o Refúgio e não encontrado. Coincidentemente, houve um incêndio e o fogo apareceu em três pontos diferentes. Não há garantia que pode ter sido os caçadores, mas é estranho a maneira que esse fogo surgiu. Maíra Galvanese comenta com Valter Lima sobre pedir uma câmera na área da ferrovia, e Valter Lima responde vai ser instalado uma câmera e até colocar uma corrente no acesso e uma guarita com vigilante. Para essas situações de invasão e danos não acontecerem e melhorar a comunicação.

Anderson Vieira volta a comentar dar atividades que pretende fazer em novembro voltada para os adultos, que houve um grupo de corrida em trilha, que são amadores e fazem trilhas pelo Brasil. E foram fazer um evento no Morro Doce que se chama "Morro arriba", e em torno de 80 pessoas foram nesse evento no final de julho e de um modo conectado com a natureza; e além de um evento muito organizado tentam fazer de uma maneira sustentável. E as pessoas que foram fazer a trilha moram no território e são frequentadores do parque, e os atletas tiveram a vivência de experimentar a corrida em trilha de nível médio, e no topo a visão do corredor ecológico, com vista para o Parque Anhanguera e a região do RVS. Anderson Vieira prossegue com a possibilidade de trazer o esporte de corrida ecológica em trilha para o Refúgio, da sede até a ferrovia, e o evento em torno de 20 pessoas.

Marcelo Mendonça comenta que é possível fazer a corrida ecológica, e pelo Plano de Manejo, tem a área da trilha que é para ser feita e particularmente gosta muito da ideia. Os problemas de caçadores e invasões no local, poderiam se resolver com pessoas circulando. As áreas próximas do

CEMACAS ficam preservadas e restritas, e há três caminhos da ferrovia que dá para identificar as trilhas e pensar em outra também. Felipe de Oliveira comenta que é interessante, mas seria bom consultar os veterinários pela questão da soltura dos animais.

Maíra Galvanese comenta sobre, em um primeiro momento, fazer uma caminhada de identificação, e ver se é possível fazer uma corrida. E no Plano de Manejo é identificada a trilha de uso público. A visita de reconhecimento seria ótima porque o conselho conhece o RVS. Acha possível a proposta da corrida, mas precisa entender qual é o caminho, e concorda com a fala de Marcelo Mendonça de dar uso ao espaço e evitar as invasões.

Maíra Galvanese sugere para a próxima reunião convidar o PAVS para fazer a apresentação do diagnóstico socioambiental e convidar também o pessoal da ferrovia para encaixar as próximas atividades. A sugestão de reuniões mensais para mobilizar o conselho, e esperar o próximo gestor com os conselheiros para decidir. E esperar a próxima reunião no fim de setembro para formalizar e encaminhar o e-mail sobre a proposta da corrida para novembro.

1.3. Informações sobre manutenção e manejo de aceiros/prevenção de incêndios

Valter Lima comenta que houve uma queimada no RVS que começou às 17h de sábado e foi contida às 10h30 da manhã de domingo. Foram gastos quase 20 mil litros de água, além do uso de abafadores. O último incêndio, neste local, foi há dois anos. A hipótese é incêndio criminoso causado por caçadores, porque é uma área que não há circulação de pessoas. Por causa do dano a câmera, por não estar em funcionamento, não foi possível

identificar o fogo logo no início. A identificação do foco foi feita pela equipe de vigilância em ronda.

Valter Lima informa sobre as câmeras térmicas que existem no RVS, uma está localizada na Torre do Mosquito e a outra na Torre de Observação do CEMACAS. A câmera da Torre do Mosquito é a mais distante, próxima da ferrovia, da divisa do Refúgio com Caieiras e Cajamar. Era uma câmera que dava muita praticidade, porque quando identificava um foco, era possível chegar e o fogo estava pequeno e possível de controlar. E há um mês e meio foi feito um dano, justamente na câmera que localizava os focos.

Valter Lima explica que dentro do Refúgio têm três setores, e cada setor as rondas batem os bottons, então a cada 1h30, a ronda bate esse botton e em um dia passa pelo setor seis vezes. O botton é um ponto fixo que a vigilância registra que passou pelo setor e fez a ronda. Quando não tinha as torres, a questão do fogo funcionava com as rondas, e com a instalação das torres melhorou. Felipe Oliveira pergunta sobre como está o processo de restauração da câmera quebrada. Valter Lima explica que através de um processo de ressarcimento pela empresa de segurança, porque foi levantado o relatório e não teve ronda, então isso foi justificado que pela falta de ronda houve dano ao bem público.

Felipe Oliveira questiona se o conselho pode contribuir para dar seriedade na restauração da câmera de alguma forma. O conselho define sobre a elaboração de moção de apoio do conselho, que ressalte a importância do reestabelecimento do funcionamento e fica a questão de a secretaria cobrar a empresa.

Felipe Oliveira pergunta se no cenário atual os vigilantes em campo a quantidade estão coerentes com a necessidade. Valter Lima responde que foi calculado o planejamento de rondas para ir observando. E é função do vigilante coibir a presença de caçadores porque a garantia da torre faria parte da visualização do incêndio, e agora o monitoramento era por conta do Fogo Zero que foram feitas as torres. O Parque Anhanguera é o que tem histórico de incêndio desde 1994, e em 2015, houve um incêndio que queimou 40% do Refúgio, e quase chegou no hospital veterinário. E de 2015 adiante se pensou no que fazer para coibir a questão dos incêndios. Antigamente a vigilância não dava conta do RVS, e aconteciam muitos crimes ambientais, e conseguiu melhorar nesse sentido de coibição.

Felipe Oliveira pergunta se não pode ter pessoas voluntárias no combate aos incêndios. Marcelo Mendonça responde que em breve vai ter essa possibilidade, há algumas questões técnicas, mas vai ser feito um treinamento. Ressalta ainda que é necessário regulamentar as atividades para brigadista voluntário. Marcelo Mendonça e Valter Lima foram para Santa Catarina onde o corpo de bombeiros é formado por voluntários e foram buscar informações da organização. Maíra Galvanese acrescenta ser um processo lento porque para criar a rede voluntária para combate a incêndios tem que formalizar e estar tudo bem estruturado, mas que isso vai acontecer.

Marcelo Mendonça explica que nos parques da zona sul só havia os vigilantes, e os parques começavam a pegar fogo e não se podia fazer nada porque os vigilantes não tinham a função de brigadistas. Quando terminou o primeiro contrato, foi explicado a secretaria a necessidade de mudança de patamar e passaram a ser vigilantes brigadistas. Informa sobre nova contratação da SVMA, em vias de licitação, com equipes que vão ser compostas por bombeiros civis especializados em combate de incêndio em

florestas; serão cinco equipes que vão ficar na cidade, uma na zona leste, duas na zona norte e duas na zona sul, e cada equipe vai ser equipada por um carro (4x4) para combate ao incêndio e um líder de moto, para chegar primeiro ao local e dar instruções de como agir.

Valter Lima acrescenta que o Parque Anhanguera foi o primeiro a receber todo o equipamento de combate pelo histórico de incêndios, mas se não tivesse os brigadistas, poderia ser identificado o incêndio, mas não teria ninguém para combater. A base de treinamentos de combate foi o Parque Itaim na zona sul e o Parque Fazenda do Carmo na zona leste, e uma dessas equipes de bombeiro civil que o Marcelo Mendonça comentou, vai ficar no Anhanguera. Marcelo Mendonça complementa que são 124 parques e há histórico de incêndio em 52. Somente no ano passado (2025), foram 144 incêndios. Valter Lima complementa que foi ideia da prefeitura de criar esses cinco grupos de bombeiros civis nas regiões para atender os parques de cada região.

1.4. Encaminhamentos

- Reunião do conselho dia 27 de setembro. Solicitação da presença do PAVS e da ferrovia.

- Visita técnica agendada para o dia 12 de setembro, sábado, às 9h.

- Encaminhamento da moção de apoio do conselho gestor para o reestabelecimento da Torre do Mosquito, de monitoramento de incêndio.

Anexo I – Registro Fotográfico



PREFEITURA DE
SÃO PAULO







PREFEITURA DE
SÃO PAULO